



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12208 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

Conversar ou entrevistar – eis a questão: uma experiência de pesquisa em uma escola municipal

Andrea Tubbs Costa - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

### **CONVERSAR OU ENTREVISTAR – EIS A QUESTÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL**

Este texto traz uma experiência vivida durante a realização de pesquisa a qual resultou numa dissertação que discutiu os efeitos de dez anos de prova bimestral padronizada nas práticas docentes. Nos dois anos participando do cotidiano escolar do ensino fundamental I em uma escola da rede municipal carioca a pesquisa de cunho qualitativo centrou as investigações em reuniões e rodas de conversa usando a conversa como procedimento metodológico. Mesmo as professoras tendo ciência das intenções de minha presença na escola e contando com a adesão e contribuição das mesmas na pesquisa, a tensão se deu no ato em que atendendo uma orientação da banca de qualificação, foi considerado gravar uma entrevista semiestruturada com o fim de traçar um perfil mais detalhado das participantes da pesquisa. A intenção deste texto é revelar os limites e possibilidades de entrevistas e conversas durante a pesquisa.

#### **Conversas e Entrevistas**

A conversa como metodologia é associada ao campo dos estudos e pesquisas com o cotidiano, cujas investigações acontecem nas redes de relações estabelecidas com os indivíduos no dia-a-dia, carregadas de imprevisibilidade, e que exigem do pesquisador o entendimento de “conversa como uma convocação de saberes diferentes de modo não hierárquico, mas ecológico, provocando uma ecologia das diferenças” (SÜSSEKIND, PELEGRINI 2018). Essa imprevisibilidade na arte de conversar (CERTEAU, 1994) desafia-nos a romper com um modelo ancorado em roteiros e entrevistas que impõe rigor e controle de dados (RIBEIRO, *et all* 2018).

Souza, Gurgel, Andrade (2019) expõem as potencialidades da conversa a partir de uma pesquisa realizada com jovens em espaço formal de ensino. O texto traz a dimensão da conversa como metodologia e também como prática pedagógica. Essa última perspectiva – a conversa como prática pedagógica - utilizada em um pré-vestibular comunitário em que desenvolveu uma *aulaconversa* de História problematizando a linha do tempo com as experiências e histórias pessoais de cada estudante.

Nas investigações realizadas na escola utilizei a conversa como procedimento metodológico. E quando afirmo que utilizei como procedimento não estou aqui referindo-me (ou reduzindo) a técnicas contidas em uma metodologia até porque a conversa como metodologia é uma opção teórico-metodológica vinculada ao campo dos estudos e pesquisas *com os cotidianos* (RIBEIRO *et all*, 2018). A pesquisa desenvolvida por mim não se vincula a esse campo, contudo estando *no* cotidiano escolar não foi difícil encontrar o meu caminho de pesquisa inspirando-me nessa metodologia e apoiada nesses autores dela me aproximei entendendo que a conversa “não é uma ferramenta de coleta de dados”. Entendendo também que a conversa como metodologia amplia e valoriza toda a diversidade presente na escola possibilitando o *aprenderensinar* dos participantes da pesquisa.

Para Lüdke e André (2013) a entrevista é um recurso presente em pesquisas de abordagem qualitativa nos trabalhos acadêmicos no campo das ciências sociais. As autoras ao referirem-se às entrevistas “não totalmente estruturadas” em que não se verifique “uma ordem rígida de questões”, destacam que é possível ao entrevistado discorrer sobre o tema no qual as informações (objeto da pesquisa) se apresentam naturalmente. Para isso, é importante o caráter de interação entre entrevistado e entrevistador em uma “atmosfera de influência recíproca”.

Convivendo *no* cotidiano escolar e sendo atravessada pelas possibilidades desse cotidiano vivo amparei-me, inicialmente, na conversa como metodologia, até porque os primeiros encontros se deram a partir de rodas de conversas com a finalidade de trocar experiências de projetos desenvolvidos em turmas de 4º e 5º anos.

Nos encontros que se seguiram, a conversa foi naturalmente estabelecendo-se como um recurso na prática investigativa. Mais a frente, quase no final da pesquisa, por recomendação da banca de qualificação, foi proposta a entrevista semiestruturada com o fim de formar um perfil dos participantes da pesquisa.

### **Entrevista ou Conversa: que caminho seguir?**

Começo dizendo que ambos os momentos - conversando ou entrevistando – foram marcados por interação, respeito e porque não dizer, de afeto. Houve inclusive um período em que me vi impossibilitada de ir até a escola por motivos de saúde e as professoras, generosamente, vieram até mim evitando assim que as investigações cessassem. Ao longo de seis meses acompanhei parte da rotina escolar por meio desses encontros pontuados de boas e reveladoras conversas. Ainda que eu consultasse as notas das conversas anteriores para

organizar uma pauta, a conversa se espalhava e se retraía em um movimento contínuo, por vezes, sem controle, seguindo para muitos lados e possibilidades interpretativas, mas que permitia “caçar a laço” (CERTEAU, 1994) e entender como aqueles momentos se configuravam a partir das relações entre as pessoas que compunham o grupo e eu me sentia parte dele. Foi possível captar a realidade narrada por elas, as tensões, dúvidas e percepções acerca do cenário político educacional do município e, mais especificamente sobre as práticas avaliativas realizadas no cotidiano escolar. Falávamos de nossas questões pessoais, inquietações, inseguranças; partilhávamos leituras sobre avaliação, receitas de comidas, técnicas terapêuticas, meditação, experiências docentes, capítulos de séries e novelas. Sobre essa conversa que flui Ribeiro, Sampaio, Souza (2018) consideram que “conversamos cotidianamente de múltiplas maneiras”. E conversando era possível seguir os fios das conversas e assim eu ia compreendendo os efeitos e as implicações das provas padronizadas no espaço escolar.

Nesse ambiente de convívio foi surpresa encontrar a resistência das professoras quando propus gravar uma entrevista. Após vários adiamentos uma conversa no refeitório revelou o motivo da recusa implícita. Meses antes as professoras tinham concedido entrevistas destinadas a um livro, fruto de um projeto de extensão realizado por uma universidade no ano anterior. A satisfação e alegria de uma publicação contendo todo o trabalho em cooperação entre as docentes e os integrantes do projeto misturou-se a certo incômodo diante de suas falas fielmente reproduzidas incluindo alguns vícios de linguagem, o que na percepção de uma delas poderia comprometer a qualidade do texto discursivo e profissional. A partir daí, formalizamos um compromisso de que os depoimentos gravados seriam transcritos e posteriormente colocados em apreciação pelas professoras. Nem precisa dizer que a entrevista virou conversa.

Conversar ou entrevistar são percursos associados aos referenciais teóricos sendo importante ao pesquisador coerência epistemológica e estar atento aos caminhos percorridos durante a pesquisa, pois eles são imprevisíveis e vão requerer sensibilidade para transitar nesse labirinto “admiravelmente emaranhado”. (CORAZZA, 2002).

Palavras-chave: conversas, entrevistas, metodologia.

## Referências

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

CORAZZA, S. M. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, M. V. (org). Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. RJ: DP&A, 2002, p. 105-132

LUDKE, M.; ANDRÉ. M. E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. RJ: EPU, 2013

RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C.S; SOUZA, R. de. **Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor?** In: Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?

RIBEIRO, T; SAMPAIO, C.S.; SOUZA, R. de (orgs). RJ: Ayvu, 2018. p. 21-40

SOUZA, B.; GURGEL, J.; ANDRADE, N. **Com as Juventudes: conversas como Metodologia de pesquisa e uma aula como conversa**. Salvador, BA: XV ENECULT, 01-03 ago. 2019

SÜSSEKIND, M. L.; PELEGRINI, R. **Os ventos do norte não movem moinhos**. In: *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* RIBEIRO, T; SAMPAIO, C.S.; SOUZA, R. de (orgs). RJ: Ayvu, 2018. p. 163-180